

Conferência de Abertura da 2ª Jornada da Tykhe Associação de Psicanálise sobre a formação do psicanalista

A direção de tratamento acorda a direção da associação?

Deborah Steinberg

dsteinberg@uol.com.br

É com muita alegria e prazer, apesar da desgraça em que estamos vivendo, próximos às 500 mil mortes pela Covid19, que damos abertura nesta data à nossa 2ª Jornada na Tykhe, tendo a 1ª acontecido no ano de 2015 cujo mote foi “A escrita do caso clínico”. Foi em outra Era, o mundo era outro, mas algo de desastroso já estava no ar, já tínhamos engolido os 7 lamentáveis gols da Alemanha com um mísero gol do Brasil e o golpe na democracia já estava em curso. A Tykhe havia se instituído no ano anterior àquela Jornada, ano 2014 com a promessa de relançamento dos dados, como nos apresentou Luís em seu generoso texto de Abertura da Tykhe, ocorrido em maio daquele ano, com a presença de muitos convidados entre eles, vários da outrora Escola de Psicanálise de Campinas e nós, aqueles que mantinham vivo o desejo de seguirmos associados, a despeito, ou mesmo até por isso, da dissolução da Escola de Psicanálise de Campinas. Sim, viemos de sua dissolução e foi neste escombros que dobramos a aposta em nos re-unirmos, agora como Tykhe, Associação de Psicanálise e não mais como Escola, mas sim como Associação.

Se trago estes termos é para nos lembrarmos de onde viemos, e podermos colocar as questões que nos interessam, hoje, como Instituição passados 7 anos de nossa fundação, a saber: a formação do analista e em que pé estamos entre a clínica e a formação do analista. Destaco que além do pé no sentido do passo em que estamos, o que nos baliza e nos marca como associação é outro pé, a saber, o pé da letra de Freud e Lacan. Como notamos, e agora começo a falar em primeira pessoa, pois estou por conta e risco de minhas elaborações, o pé está presente tanto no passo quanto na

letra. O pé é corpo e poderia considerar que o que tentamos em associação na Tykhe é não perder o pé do passo no corpo. Explico-me.

O corpo é por onde pode passar, não é garantido, mas pode passar se não for um corpo fechado, circuito libidinal, Eros, erotismo, graça, engraça, riso, dor, e por aí vai...a pulsão erótica precisa e passa pelo corpo. Então, precisamos manter o pé e o passo no corpo aberto.

Bom, mas isso tudo pode ser apenas um jogo de palavras que inclui o pé tanto como metáfora quanto metonímia dele como corpo e servir tão somente para seduzir e nos distrair nessas próximas mil e uma noites desta jornada e não viemos aqui para isso.

-Não?

-Não.

Coube a nós que estamos, neste tempo, ocupando os lugares da direção da Tykhe, porque são três os lugares, juntas estamos Gabriela, Polyana e eu, coube a nós a honra de abrir a noite, e trazer alguns pontos no que tange, principalmente à formação do analista, articulada deste lugar, da direção, como um lugar também político, na sua extensão da Psicanálise.

Como ponta pé inicial podemos dizer que abrimos mão do famigerado termo Escola.

- Êh, coisa boa!

O que isso quer dizer? Quando Lacan propôs esta palavra, Escola, foi para invocar, além de Freud, Sócrates, o mestre dos mestres como estrela guia da formação, e seus alunos discípulos. Proliferaram escolas e seus lacânicos mestres, assim como sessões em tempo curtíssimo, passe, cartel, nomes como AME, AE, AP e outros. Do rigor à rigidez, como disse Marco Antonio Coutinho Jorge, é um passo. A tendência a degradar o rigor da formação em psicanálise para a rigidez burocrática é imensa. Seu efeito parece produzir, no mínimo, inibições superegóicas. A psicanálise não é pautada pela estrutura acadêmica, infelizmente ou felizmente a academia ou esta organização não garante a produção de analista, parece um pouco com a

produção de um artista. A academia não pode com isso. Tampouco a psicanálise é regida por regulamentações estatais ao menos por ora, embora conte com o Estado de direito democrático para sua existência.

Então como nos organizamos, nos associamos e formamos e nos formamos analistas? Abrimos mão do mestre, este foi-se com a Escola. E agora, José? Desde Freud em Totem e tabu, o pai morto exige um pacto simbólico de todas as filhas e filhos, isso é nosso mito original, estrutural, da civilização. Sim, abrimos mão de um mestre vivo, encarnado, mas não da civilização, da civilidade, apesar de seus mal estares, ou melhor, dos nossos mal estares. Estamos no campo do simbólico e dele, não abrimos mão, não abrimos mão da letra de Freud e Lacan, que nos dirige pela ética da Psicanálise, qual seja? A ética do desejo e o reconhecimento do inconsciente. Freud, quando introduz o narcisismo, na psicanálise, diz que se um tal “Ideal não se desenvolveu, a tendência sexual em questão aparece inalterada na personalidade, como perversão”. Ideal aqui podemos colocar como instância terceira que engendra o simbólico e faz do Um, dois. É desse lugar de instância simbólica, que não abrimos mão.

Posto isto, quero contar que ao ser nomeada neste lugar na direção da Tykhe, o Geison, amigo nesta aposta, e quem me transferiu este lugar, me disse, após a outra direção composta pela Rita, Marta e ele, terem escrito um estatuto mínimo, enxuto e decididamente sem burocracia, mas estabelecido como regra que todos concordaram e assinaram, pois bem, ele me falou que na direção, não precisaria fazer nada.

-Nada?

-É nada, disse ele.

E aqui quero aproveitar para agradecer-lo por transferir este lugar sem Nada, vazio, como um lugar a ser ocupado por outras roupas, outro figurino, outros corpos para atuarem como inventarem, numa oportunidade de criar um jeito de corpo de estarmos na direção sem sermos tragadas pelo ímpeto burocrático da neurose ou pela armadura do poder que flerta com a perversão. Assim recebido sem mais a incumbência de produzir um estatuto,

manteve-se viva a ênfase na sublimação desta função de direção. Obrigada, Geison, Marta e Rita.

A partir daí, deste lugar da direção como função, proponho recortar a psicanálise em intensão e em extensão, ou seja, na sua báscula do privado para o público e procurar agora a função analista para nos orientar. A direção vem a reboque da clínica como já formularam, Antonio Moreira e mais alguns. O que tem a ver? A clínica é o lugar, por excelência, da transferência em que o analista atua, faz função de analista ao se manter como instância aberta que recebe, que aceita o real da existência para além ou aquém do imaginário da história e do simbólico da fala. Sim, a clínica é soberana, a psicanálise se sustenta pela clínica. Podemos considerar, então, um dos seus pilares da formação, a secção clínica, naquilo que ela acontece tanto no consultório quanto em termos associativos, na nossa secção clínica, quando nos debruçamos sobre a forma de fazer e produzir analista, como função, nas noites da última terça feira do mês. Partirei dos três pilares básico de formação proposto por Freud: **supervisão, ensino/estudo da teoria e análise pessoal.**

A preocupação em não fazermos da secção clínica uma supervisão é constante, por que? Porque se aproximam tanto que podem se misturar e aqui vou fazer isso mesmo, envolver as duas, só que vou colocar a secção clínica como a psicanálise em extensão naquilo que a supervisão se realiza em intensão, entre dois. A **secção clínica** estaria para a **supervisão**, na face da psicanálise em extensão.

Se é verdade que há uma tendência a sermos tragados pela burocracia e pelo poder, estando neste lugar de direção, mobilizados, inclusive, como todos sabem, pela compulsão a repetição e pulsão de morte, como fazer barreira? Lacan inventou o dispositivo do cartel sustentado por uma lógica borromeana, de três ou quatro mais um, cujo núcleo é a falta, a diferença a fim de “presentificar a fenda que movimenta o trabalho, a transferência de trabalho”, nas palavras de Sonia Leite, num artigo intitulado “O cartel e o desejo de saber na escola”. Vamos experimentar então, estarmos no lugar da direção e nos mantermos com uma fenda aberta pelo cartel. Propomos

nos reunirmos em cartel, convidando a Cibeles para ser mais uma e lermos “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, que consta nos Escritos do Lacan. E assim nos reunimos às quintas após a secção clínica da terça. O cartel mantém ou quer manter aceso o desejo de saber que ao psicanalista, vibra. Assim o cartel poderia se instituir como outro pilar na formação do analista, no que tange ao encontro com a teoria, o estudo que desde Freud, jamais se vangloriou por ser acabado e completo. O **cartel** estaria para a **teoria/estudo** na face da psicanálise em extensão.

E, por fim, como terceiro pilar na formação do analista, além da secção clínica e do cartel, já mencionados como equivalentes à supervisão e estudo da teoria, respectivamente, inclui o pertencimento a uma massa de analistas, seja ela qual for, como a extensão da análise pessoal. **O ato de entrada na instituição de psicanálise como equivalente ao ato de entrada em análise.** Dou minhas razões:

Lacan, no seminário sobre Transferência, no capítulo sobre os deslizamentos de sentido do Ideal, nos lembra, via Psicologia das massas e análise do Eu, que “o analista, se inscreve e se determina através dos efeitos que resultam da massa analítica, quero dizer, da massa dos analistas, no estado atual de sua constituição e de seu discurso” (p. 325). O analista se inscreve e se determina, como constituição simbólica, através dos efeitos da massa analítica, das associações, ele aí se institui e também seu ato. Afinal o que está em jogo aqui, é a ação do analista. “E, quanto a ela, a ação do analista, não se pode contestar que seja tentativa de responder ao inconsciente”, diz Lacan. E como analista, ele dará os argumentos de seu ato, aos seus pares.

Bom, chegamos a um ponto crucial da Psicanálise a ser sempre lembrado: manter-se aberto ao Inconsciente, ou seja, ao sexual, e suas formações possíveis em associação. Como forma analista? A Tykhe dá formação? Pergunta que ouvi muitas vezes, sendo da Comissão de Acolhimento. Minha resposta a esta **demand**a era que a Tykhe não dá formação. Você faz sua formação que pode ser na Tykhe, pois lá tem os famosos “alguns outros”. Como assim, alguns outros? Alguns outros interessados na psicanálise, que sustentam o rigor na transmissão cuja aposta associativa está em formação,

e por fim, mas não menos importante, envolvidos pela transferência de trabalho. Aliás, a Tykhe é formada por cada um de nós, associados. Mas hoje, para dar mais um passo nesta construção, chamo Lacan que propõe na Direção do tratamento, e aqui o transcrevo com todas suas letras:

- Que a **fala** tem aqui todos os poderes, os poderes especiais do tratamento;
- Que estamos muito longe, pela regra, de dirigir o sujeito para a fala plena ou para o discurso coerente, mas que **o deixamos livre para se experimentar** nisso;
- Que essa **liberdade** é o que ele tem mais dificuldade de tolerar;
- Que a **demanda** é propriamente aquilo que se coloca entre parênteses na análise, estando excluída a hipótese de que o analista satisfaça a qualquer uma;
- Que, não sendo colocado nenhum obstáculo à **declaração do desejo**, é para lá que o sujeito é dirigido e até canalizado;
- Que a **resistência** a essa declaração, em última instância, não pode ater-se aqui a nada além da **incompatibilidade do desejo com a fala**.

Por fim, o que circula nesta situação, seja na clínica ou na associação é o significante, mais especificamente “o significante ímpar: esse falo o qual recebe-lo e dá-lo são igualmente impossíveis para o neurótico, que ele saiba que o Outro não o tem ou que o tem, pois em ambos os casos, seu desejo está alhures – em sê-lo -, e porque é preciso que o homem, macho ou fêmea, aceite tê-lo e não tê-lo, a partir da descoberta de que não o é.” (Lacan, a direção...)

Pois bem, abrir mão de ser o falo, há de se ter coragem, pois é justamente na circulação deste significante que circula também a libido, o sexual e a falta. Não à toa, Lacan, nomeia seu artigo como “A direção do tratamento e os princípios de seu **poder**”. O analista é colocado num lugar de poder, na

transferência, e mesmo ele estando advertido disto, há uma força de atração inconsciente que o conduz para tal. Afinal nosso campo é o inconsciente, e estar advertido não significa isenção. A dobra ou a desdobra ao se remeter a uma associação é o que temos de menos perfeito para tratar tal questão. Moustapha Safouan lembra:

“Podemos dizer que nada está mais afastado de uma teologia da perfeição que a psicanálise, tal como a concebe Jacques Lacan”. (p.141)

Aqui aproveito para dar as boas vindas aos novos associados que favorecem esta circulação ao se lançar num ato desejante e, como num lance de dados, sigo agora com o poeta, Mallarmé: “um lance de dados **jamais** abolirá o acaso.” Tykhe!

Agradeço a presença de vocês e desejo a todas e todos um ótimo encontro!

Está aberta a jornada...

Campinas, 10 de junho de 2021

Bibliografia

Freud, Sigmund- *Introdução ao narcisismo: ensaio de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). São Paulo: Companhia das letras, 2010.

Jorge, Marco Antonio Coutinho- Jacques Lacan e a renovação da clínica psicanalítica. Sobre o impacto de seu ensino no Brasil. In Lacan e a formação do psicanalista. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

Leite, Sonia- “O cartel e o desejo de saber na escola”. In Lacan e a formação do psicanalista. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

Lacan, Jacques- *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*. In

Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

O seminário, livro 8- “A transferência”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

Safouan, Moustapha- *Lacaniana I- Os seminários de Jacques Lacan 1953-1963*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006